



parecer 1

revisora: beatriz sancovschi

status: publicável com revisões

pensar a educação escolar de modo não cognitivista

uma visão antropo-filosófica da atenção

autores

tiago brentam perencini

universidade de pernambuco (upe), *campus* garanhuns, colegiado de pedagogia
garanhuns, pernambuco, brasil

e-mail: tiago.brentam@upe.br

<https://orcid.org/0000-0001-7742-4387>

beatriz alves de lima

universidade de pernambuco (upe), *campus* garanhuns, colegiado de psicologia
garanhuns, pernambuco, brasil

e-mail: beatriz.alima@upe.br

<https://orcid.org/0009-0002-9437-390x>

doi: 10.12957/childphilo.2026.95452

recebido em: 29.01.2026

como citar este artigo:

Brentam Perencini, T., & Alves de Lima, B. (2026). Pensar a educação escolar de modo não cognitivista: Uma visão antropo-filosófica da atenção. *childhood & philosophy*, 22, 1-25. doi: 10.12957/childphilo.2026.95452



O artigo parte de uma crítica ao “discurso pedagógico contemporâneo” que, segundo a/o (s) autore(s), tem adotado, cada vez mais, uma compreensão da aprendizagem baseada em teorias que abordam o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de conhecimento a partir do evolucionismo, tendo as ciências naturais como referência. Em seguida traz contribuições da antropologia, em especial do trabalho de Tim Ingold e da filosofia, em especial do trabalho de Pierre Hadot como alternativas para outras compreensões da educação e da prática educativa. Além de Ingold e de Hadot, M.Foucault, J.Masschelein e M.Simons constituem interlocutores importantes para o texto. A conclusão caminha no sentido de afirmar a educação como uma atenção à presença na relação.

Ao ler o texto a partir de meu campo de formação e atuação (psicologia, estudos da cognição e produção de subjetividade) fiquei com a sensação de que o texto aponta para uma direção crítica interessante – o modo como, a partir de determinadas alianças teóricas, a aprendizagem e a aquisição do conhecimento são concebidos no contexto educacional-escolar e seus efeitos. No entanto, na medida em que trata a crítica a partir de generalizações, o argumento acaba enfraquecido e diria até impreciso (explicitarei melhor meu argumento mais adiante). Além disso são elencadas muitas questões considerando diferentes momentos históricos (modernidade, contemporaneidade e antiguidade) sem que as nuances entre aquilo que se transforma e o que permanece nessas temporalidades sejam devidamente trabalhadas.

Exemplo: “Nota-se, no discurso pedagógico contemporâneo, a crescente adoção de uma concepção de aprendizagem baseada em teorias científicas que frequentemente abordam o desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conhecimento circunscrito aos limites da evolução e do comportamento humano, especialmente com o avanço das ciências naturais e médicas como pressupostos pedagógicos desde o século XIX...” (...) “Nessa esteira, a atenção é reduzida como fenômeno cerebral...”.

Será que é possível abordar as teorias do desenvolvimento do início do século XX e os recentes avanços das neurociências e seus impactos na educação como um mesmo fenômeno? Como abordar a crítica ao cientificismo e seus efeitos considerando os tempos atuais? Quais as relações entre Razão e cognição? Me

parece que cuidar do desenvolvimento de certas passagens, aprofundando um pouco mais os argumentos, e comentar comparações como as citadas acima é necessário. Neste sentido, fico com a impressão que algumas escolhas mereceriam ser feitas em nome do aprofundamento da discussão.

Abaixo aponto alguns aspectos que, na minha leitura, requerem cuidado e aprofundamento.

A principal crítica do texto é sobre a educação que faz uma apropriação de uma certa psicologia ou, sobre a psicologia que em sua origem científica acaba por fazer alianças com as ciências naturais?

Será que não seria importante para o argumento do texto diferenciar educação de escola? Embora a escola seja uma instituição inventada na modernidade para a transmissão cultural e profissional, ela não se confunde com a educação. No texto me parece que o que está em questão é a educação na escola e não a educação em geral. Considerar essa especificidade é importante neste texto.

Ao optar por uma crítica generalista à psicologia e, em especial à psicologia do desenvolvimento cognitivo, a/o(s) autores perdem de vista a complexidade e diversidade do campo e as próprias críticas que o campo tem feito. De qual psicologia do desenvolvimento cognitivo se fala? As discussões de L.S.Vigotski, por exemplo, caminham em uma direção bastante diferente desta comentada (Ver tanto as discussões sobre a ZDP no texto sobre Pensamento e Linguagem (Vigotski, 2001) quanto as discussões sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores (Vigotski, 2000). Porém reconheço que no contexto escolar, talvez, a leitura que se faça desse autor o aproxime desta formulação mais hegemônica e naturalizante do desenvolvimento. Diria que até mesmo as abordagens piagetiana ou walloniana sejam mais complexas do que o modo como são apropriadas pelo campo da educação/escola.

Ainda nesta direção cabe dizer que já há algum tempo há na psicologia abordagens críticas ao desenvolvimentismo tanto no contexto nacional quanto no contexto internacional (Ver trabalhos de Lucia Rabelo de Castro, Jobim e Souza, 1997; Ferreira e Araujo, 2009; Burman, 2008, Almeida, 2019). Como isso reverbera no campo da escola/educação? Será que é possível generalizar?

Outro ponto importante do texto é distinguir cognição e cognitivismo. Aprendizagem e atenção são processos cognitivos mas existem diferentes formas

de compreender esses processos a depender da abordagem da cognição (ver: Kastrup, Tedesco e Passos, 2008).

Além do livro indicado acima, recomendo a leitura do texto do T.Ingold “Da transmissão de representações à educação da atenção” (2010). Neste texto, ao versar sobre o problema da transmissão de conhecimentos de uma geração a outra, Ingold tece uma crítica ao cognitivismo defendendo uma educação da atenção. E ressalta: “Sei que há atualmente um forte contramovimento dentro da própria ciência cognitiva, seguindo uma trilha muito semelhante àquela aqui proposta. Minha crítica, portanto, é mais dirigida contra o cognitivismo na sua roupagem ‘clássica’ do que contra sua alternativa ‘emergencista’. (Para uma exposição excelente deste último, ver A.Clark, 1977). É justo dizer, no entanto, que a perspectiva dominante na psicologia cognitiva continua sendo a clássica; além do mais, seu continuado domínio é reforçado por uma poderosa aliança com a biologia evolucionária em sua moderna formulação neodarwiniana” (Ingold, 2010, p.7).

Se no exterior a psicologia cognitiva continua sendo hegemonicamente a psicologia cognitivista (clássica), aqui no Brasil, desde o final dos anos de 1990, vemos movimentos diferentes no campo.

Os trabalhos de Virgínia Kastrup e colaboradores, desde final dos anos de 1990, tem contribuído para a ampliação da compreensão da cognição a partir da interlocução com a filosofia da diferença e com a abordagem enativa da cognição (ver: Kastrup, Tedesco e Passos, 2008). Neste sentido ela tem proposto uma compreensão de cognição inventiva. A inflexão operada por Kastrup e colaboradores merece ser considerada neste texto. Inclusive mais recentemente esse grupo de pesquisadores tem se dedicado à investigação da atenção, tendo o Ingold também como interlocutor mas não apenas (ver: Kastrup e Caliman, 2023 e Dossiê Ecologias da atenção AYVU, 2018).

Tendo em vista esse último ponto, recomendo a revisão do título na medida em que não me parece estar sendo proposta uma educação para além da cognição, talvez uma educação não cognitivista ou não desenvolvimentista. Penso que o título, assim como o texto, poderiam se concentrar na proposição: Pensar a educação(?) a partir de uma visão antro-po-filosófica da atenção.

A partir dessas considerações e segue o preenchimento dos critérios de avaliação da revista:

O artigo está adequado à revista *childhood & philosophy*

O tema tem relevância mas recomendo cuidar do desenvolvimento do argumento a partir das considerações apontadas

Recomendo a revisão da estrutura e coerência do argumento tendo em vista as considerações apontadas.

Recomendo a revisão de título e resumo

Recomendo a ampliação da literatura trabalhada a partir das considerações apontadas.

Não são citados artigos publicados em *childhood & philosophy*

Os objetivos estão parcialmente definidos e as ideias estão conectadas embora, conforme as considerações, recomendo revisão de algumas proposições e aprofundamento dos argumentos.

A conclusão poderia estar mais bem delimitada

referências indicadas:

- ALMEIDA, Tiago. *Psicologia do desenvolvimento e a delimitação de modos de ser criança*. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/15079>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- BURMAN, Erica. *Deconstructing developmental psychology*. Londres: Routledge, 2008.
- DOSSIÊ da revista de psicologia AYVU. *Ecologias da atenção*. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27500>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- FERREIRA, Arthur; ARAÚJO, Saulo. Da invenção da infância à psicologia do desenvolvimento. *Psicologia em Pesquisa*, v. 3, n. 2, p. 3-12, 2009.
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, abr. 2010. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-25822010000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jan. 2026.
- JOBIM E SOUZA, Solange. Resignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). *Infâncias: fios e desafios*. Campinas: Papyrus, 1997.
- KASTRUP, Virgínia; CALIMAN, Luciana. *A atenção na cognição inventiva*. Porto Alegre: Fi, 2023.
- KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

VIGOTSKI, Lev. El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores.
In: VIGOTSKI, Lev. *Obras escogidas*. v. 3. Madrid: Visor, 2000.
VIGOTSKI, Lev. Pensamiento y lenguaje. In: VIGOTSKI, Lev. *Obras escogidas*. v. 2.
Madrid: Visor, 2001.